

“Descripcion y principio” do Estado do Brasil: 1500-1615. Atribuível a Diogo de Campos Moreno

Rafael Moreira

Universidade Nova de Lisboa,
Centro de Humanidades (CHAM),
Lisboa, Portugal.
rdfmoreira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9414-9452>

“Description and Beginning” of the State of Brazil: 1500-1615, Probably By Diogo de Campos Moreno

Resumo: O presente texto divulga parte de códice da Biblioteca Nacional de España, em Madri (Ms. 2355, *Año de 1624*: fls. 51-56), baseado em relatório do Sargento-Mor do Brasil (1602-1615) para enviar a Filipe III, com “Descrição” e resumo histórico refeito, entregue só a seu sucessor Filipe IV e finalmente copiado com falhas no referido códice. Diogo de Campos Moreno - autor da *Relação das Praças Fortes* (1609), *Livro que dá Razão do Estado do Brasil* (1612) e relato *Jornada do Maranhão* (1615), todos anônimos – ao se aposentar e regressar ao Reino finda sua atividade profissional no Brasil, foi chamado pelo Rei para assessorar o governo-geral na campanha de conquista do Maranhão e Amazônia aos Franceses que os ocupavam (1615), após o que terá escrito este balanço de ação como programa político para o território, enfatizando sua unidade e perspectivas de futuro brilhante. É dos primeiros exemplos de literatura ufanista do país.

Palavras-chave: Amazonas; Amerigo Vespucci; Capitánias; Jesuítas; João de Barros; Rio de Janeiro.

Abstract: This text reveals part of a codex in Madrid (BNE, Ms. 2355, *Año de 1624*, folios 51-56) which we propose to see as a report written originally by Brazil's Major-Sargent, to be sent to king Philip III (1598-1621) that for some reason wasn't, being instead modified by some other reporter and sent to his successor Philip IV. At last it was copied, with many faults, in BNE's codex relating to Brazilian records. Diogo de Campos Moreno was a model civil servant

and military, author of a *Relation of Fortresses* (1609), *Book of Reason of the State of Brazil* (1612) and the *Journey of Maranhão* (1615), all of them anonymous. After going home retired of his professional career, he was called back to Brazil by the King to serve as chief advisor of the campaign to conquer Maranhão and Amazonia from the French who had occupied them (1615). It is his last report, together with a political project for the whole territory emphasizing its unity and perspectives for a brilliant future, as one of the first examples of country's eulogistic literature.

Keywords: Amazonia; Amerigo Vespucci: Capitaincies; Jesuits; João de Barros; Rio de Janeiro.

"O Brasil é mais rico e dá mais proveito à fazenda de Sua Majestade que toda a Índia."
Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das Grandezas do Brasil*, 1618.¹

Os arquivos e bibliotecas espanhóis guardam documentação inédita sobre o Brasil bem mais copiosa e rica – sobretudo sobre o tempo da União Ibérica (1580-1640) – do que se pode supor². Em recente prospeção de rotina veio-nos parar às mãos um manuscrito que nunca vimos citado, referente ao Brasil. O Códice 2355 da Biblioteca Nacional de España, em Madri, é uma coletânea fatícia de notícias sobre o Brasil posterior a 1640 – já menciona a revolta de Portugal – talvez da autoria do militar salmantino don Juan de Valencia y Guzmán, autor da narrativa da expedição de D. Fadrique de Toledo em 1625 contra os Holandeses na Bahia que ocupa o Cod. 2356, mas copiada por mão descuidada algo posterior, culpada de não poucas falhas e incompreensões.

Nessa extensa recolha de notícias sobre o Brasil com o título *Año de 1624*, lemos nos fólhos 51-56 cópia de um relatório anônimo escrito em castelhano em ano que não ultrapassa 1616, servindo de introdução ao relato principal de don Juan de Valencia que ocupa o códice seguinte. O autor tirou-o de algum lugar – arquivo oficial ou particular, sem dúvida – sem se dar ao trabalho de nomear seu autor e data exatos: ou seja, sem preocupações de historiador escrupuloso.

Estamos em crer que esta *Descripción y Principio del Estado del Brasil* aí usada sem rigor de maior foi o relatório escrito em Portugal por Diogo de Campos Moreno, sargento-mor do Brasil, após a conquista do Maranhão aos Franceses, a ser enviada ao Rei ("V. Magde.") em Madri: a primeira História do Brasil estruturada no contexto geográfico, após os apontamentos soltos de Pero de

¹ Lauro Belchior Mendes. "Reflexões sobre o Ufanismo na Literatura Brasileira", *Revista literária do corpo discente da UFMG*, 20 (1987-1988), pp. 95-105.

² Para arranque do Brasil à escala atlântica no governo espanhol, além do pioneiros Jaime Cortesão e Frédéric Mauro, cf. a síntese de Joaquim Veríssimo Serrão. *Do Brasil filipino ao Brasil de 1640*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

Magalhães Gândavo (1572), Fernão Cardim (1584) ou Gabriel Soares de Sousa (1587)³. Interpolado pelos acréscimos dum autor castelhano datados no próprio texto de 1641 (“... el año de 1640 passado ...”) e submetido a críticas que levaram a riscar algumas frases, foi copiado e recopiado no códice atual da Biblioteca Nacional da Espanha, onde jaz esquecido de todos. Sem título, data e autoria expressos, é obra a ser lida com cuidado, mas de interesse indiscutível.

Ao lê-la, surgem afirmações que nos suscitam perplexidade. Assim, ao falar na descoberta do Brasil dá-a como ocorrida *en 3 de Mayo* de 1500: mas não era outro o dia em que se colocava, desde Gaspar Correia, esse sucesso, provocado por forte tempestade, só com a publicação pelo Pe. Aires do Casal (1817) da carta de Pero Vaz de Caminha tendo sido fixada sua data em 22 de abril.

As fontes geográficas fundamentais são referidas desde o fim do primeiro parágrafo. Eram as que seriam de esperar em homem de boa cultura sem ser um especialista, e muito menos erudito profundo na matéria:

- *João Baptista Lavanha*, “famoso Cosmografo y Mathematico”: o grande técnico português que, após iniciar as lições da Aula de Matemática e Arquitetura do Paço da Ribeira em 1572, foi levado por Filipe II em 1583 para da-las no Palácio Real de Madri, vindo a tornar-se o cartógrafo régio, autor do mais antigo mapa moderno de Aragão;
- *Céspedes*: decerto o cosmógrafo Andrés García de Céspedes (c.1550-1611) do Conselho das Índias, cujo *Regimiento de Navegación* (1601) marcou o momento culminante da época áurea da ciência da Cosmografia e arte de navegar espanholas;
- *maestro Gil Gonzalez*: julgamos ser o “maestro Gil González d'Ávila” (1570-1658), autor da *Historia...de Salamanca y sus obispos* (1605), antes de 1619 cronista oficial de Filipe III a quem dedicou longa biografia;
- *Pedro Apiano*: sem dúvida o humanista alemão Peter Apian (“abelha”) Benevitz, de Leipzig (1495-1552), conhecido por suas obras de matemáticas, astronomia e cartografia, das quais o *Libro de la Cosmografia, en el qual trata la descripcion del Mundo, y sus partes* (Antuérpia, 1575), cuja edição em espanhol tanta influência teve;
- e o autor da “*Fabrica del Mundo*” impressa em Veneza: não é senão o gramático humanista ferrarense Francesco Alunno (1485-1556), cujo *Della Fabrica del Mondo* (Veneza, 1546-8) em X livros - compêndio de vocábulos em Dante, Petrarca, Boccaccio – foi comum até tarde.

³ Ainda são válidas as páginas que lhes dedica José Honório Rodrigues na sua clássica *História da História do Brasil. 1ª Parte. Historiografia Colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC, 1979 (“Brasiliiana”, v. 21).

Chama a atenção que o primeiro nome citado como autoridade, logo nas primeiras linhas, seja *Gaspar de Samperes*, obscuro aventureiro de Valência da passagem do século XVI ao XVII feito jesuíta no fim da vida, que andou pelo Brasil como cosmógrafo e engenheiro militar⁴. Além de alguns poucos documentos, o único autor que o refere é, tanto quanto sabemos, Diogo de Campos Moreno na sua conhecida “Jornada do Maranhão” de 1615: ao narrar a frustrada expedição dos Jesuítas a Ibiapaba e sua iniciativa de enviar uma embarcação a buscar os sobreviventes, também no início do seu relato conta que, “neste tempo vindo outra vez o dito Sargento-Mor do Estado visitar a fortaleza do Rio Grande” (do Norte: forte dos Reis Magos de Natal, iniciado em 1598 sob traça de Samperes), “vendo que o Pe. Pedro São Peros queria ir a o buscar” – escreve, com evidente lapso no nome –, enviou seu próprio barco para trazer de volta o Pe. Luís Figueira do Ceará⁵.

A autoridade invocada de seguida é, com mais razão, *Pedro Nunes*, geómetra e cosmógrafo régio que fixara com maior exatidão as dimensões do Brasil. Essa latitude – maior que a de hoje, do Oiapoque ao Chuí – ia do rio de Vicente Yañez Pinzon (que um erro do copista transformou em *Pericon*) na Guiana ao Golfo de S. Matias antes da Patagônia, após a costa do Uruguai, Rio da Prata e costa argentina de Mar del Plata⁶. É óbvia a boa formação do autor como geógrafo e matemático, sempre dando latitudes e sondas e discutindo a extensão do grau, no que foram as bases da instrução científica de Diogo de Campos Moreno (n. Tânger, 1566), soldado e cartógrafo experiente na guerra da Flandres ou Países Baixos – cuja riqueza artificial o texto em análise opõe às riquezas naturais do Brasil –, onde lutou em 1590-2 sob Alessandro Farnese, duque de Parma.

Suas fontes históricas seriam as usuais no tempo, entre Crónica e História: as *Lendas da Índia* de Gaspar Correia, Damião de Góis, João de Barros – e sobretudo relatos orais ouvidos contar pessoalmente, e os documentos, notas, informes e relatórios oficiais. Com isto compunha-se uma história desprezível e verídica, não isenta de parcialidades (como nota Honório Rodrigues) mas no geral honesta, toda apostada no bom serviço de súdito fiel a seu rei: uma história de perfeito funcionário público digno de fé. É o que vemos na Jornada do Maranhão – em que o nome do autor é silenciado,

⁴ Cf. dados que recolhe Hélio Galvão. *História da Fortaleza da Barra do Rio Grande*. Rio de Janeiro: MEC, 1979.

⁵ *Jornada do Maranhão por ordem de Sua Majestade feita o ano 1614*, “Documentos Maranhenses”, Rio de Janeiro: Editorial Alhambra/Alumar, 1984, p. 3.

⁶ Essa extensão “maximalista” do Brasil é caso único no séc. XVII, em que a norma é situar o limite no Rio da Prata: Antônio G. Costa (org.), *Roteiro Prático de Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p. 98. Se não era idiosincrasia pessoal, tal expansionismo seria noção geopolítica concebida no círculo “bandeirante” do Governo geral, fruto do diluir de fronteiras pela União Ibérica e forte penetração no litoral platino de luso-brasileiros (Buenos Aires em 1644 tinha 20% de população “brasileira”: cristã-nova, sobretudo).

substituído sempre pela alusão na terceira pessoa ao Sargento-Mor do Brasil (sua identificação com o próprio Diogo de Campos Moreno deve-se, de forma inquestionável, ao editor da primeira publicação do texto em 1812 pela Academia das Ciências de Lisboa), tal como sucede neste relatório impessoal a enviar a Filipe III – e em muita da literatura histórica da época⁷.

Mas é sobretudo o mesmo tom – judicioso e sempre perfeitamente informado de tudo, de escrupuloso e íntegro servidor do bem público, preocupado sobretudo com a economia do Tesouro régio e em como melhor servir os interesses de seu senhor – que mais nos convence da identidade de autoria destes dois extensos documentos sobre o Brasil filipino, que têm também em comum idêntico foco centrado na região equatorial, a que chama “Capitanias do Norte”, como esquecendo a existência de um Governo geral centralizado com dois *Estados* ou vice-reinos distintos: o do Brasil propriamente dito e o do Maranhão desde 1621 (mas talvez posterior a nosso documento).

Intrigam os cortes que ele sofreu a fim de elidir a personalidade do autor, como se houvesse intenção deliberada de o ocultar; no que se perdeu muita informação sobre sua vida, como o fato de ter percorrido 2 vezes a maior parte da costa e descrito todo o litoral brasileiro – decerto recolhendo dados para o *Livro de Razão do Estado do Brasil* –, bem como seu envolvimento pessoal na procura de minerais e pedras preciosas, como precursor do movimento bandeirante. São novidade os nomes que aqui cita e o anônimo censor risca, implacavelmente: Jerônimo de Albuquerque, que sabíamos haver explorado minas de prata no sertão pernambucano; Belchior Dias Moreia (ou Caramuru), explorador na região de Aracaju, morto por volta de 1619; João Gomes Sardinha, nascido em Porto Seguro (1557), ao que parece parente do infausto primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes (Sardinha) – nomeado em 1551, comido pelos índios da Bahia em 1556 –, que por 1613 negociava terras com nativos na área de Niterói⁸; e o bandeirante Marcos de Azevedo (c.1559-1618), paulista descobridor de esmeraldas⁹. Ou sua ligação com o “austero” e incorruptível governador-geral do Brasil D. Francisco de Sousa (1591-1602), sobretudo no período em que teve o cargo de governador da Repartição do Sul para se ocupar das minas da capitania de São Vicente e região de São Paulo (1608-1611): chega a trata-lo por “Marquês”, título que teria *in petto*, pois só se

⁷ Melhor esboço histórico no site da Univ. de Salamanca <http://brasilhis.usal.es/pt-br/node/32>

⁸ Gilberto de Abreu Sodré Carvalho. “Rio de Janeiro: fundação, disputas e ocupação sociopolítica da Guanabara”, *Boletim da ASBRAP*, 25 (2018), p. 26.

⁹ Sobre Marcos de Azevedo – e seu continuador Padre Inácio de Sequeira – cf. Paulo Setúbal. *O sonho das esmeraldas*. São Paulo: Saraiva, 1956; e Fábio Paiva Reis. “O imaginário metalista luso-brasileiro colonial: a Serra das Esmeraldas na 2ª metade do séc. XVII”, *Cordis. Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, 3-4 (2009-2010).

outorgou oficialmente – como marquês das Minas – em 1644 ao neto do mesmo nome...

Ou ainda sua posição abertamente oposta à política dos Jesuítas no governo nativo, em que chega a os acusar da perda das Capitanias do Norte para franceses, holandeses e ingleses no final do séc. XVI, numa das ideias mais argutas e de fundo alcance de todo o texto. Importante é o corte sofrido no fol. 56v, retirando a frase “No hablo de todas las cosas y Capitanias en particular, porque em mi historia general lo haré ...”, que mostra ter o autor escrito (ou a intenção de o fazer) uma História Geral do Brasil, que se perdeu ou não foi ainda encontrada – a menos que se refira ao “Livro de Razão do Estado”, que é uma estatística, não uma história.

O texto que vimos analisando não é mais que uma breve síntese (*abreviatura*) dessa história geral. A impressão com que ficamos é tratar-se de um relatório feito por português de alta patente, aposentado do Estado do Brasil, logo de seguida à conquista do Maranhão em 1615 e primórdios da integração da Amazônia no corpo brasileiro, cuja unidade essencial ele não cessa de afirmar e fazer o elogio de suas muitas qualidades: o que assenta como uma luva ao pouco que se sabe de Diogo de Campos Moreno¹⁰.

Também há que ter em atenção os acréscimos – porventura devidos a don Juan de Valencia y Guzmán – sofridos pelo texto original. Após a narrativa da trama de conflitos que opuseram em São Paulo os bandeirantes aos Jesuítas no tempo de D. Francisco de Sousa, o interpolador acrescenta de sua lavra um longo excerto onde alude à “rebelión de Portugal” em 1640 e à atitude interesseira dos padres, e outro em que, referindo o ano de 1641, fala no governador-geral Pedro da Silva (1635-1639) e na tentativa fracassada do Pe. Inácio de Sequeira. De novo, quando o autor conta os choques entre colonos e jesuítas na Amazônia, o mesmo comentarista introduz frases pouco abonatórias da atitude dos Padres, e o caso ocorrido com os índios “en el año de 635”. É digno de nota que tais acrescentos são todos posteriores à mais recente data referida pelo autor originário: o ano de 1615.

No final, uma lacuna no texto interrompe a alusão às “barcas grandes” que se podem fazer na ilha de Itaparica no Recôncavo bahiano saltando para a defesa da capitania do Rio de Janeiro, que o interpolador preenche com um confuso comentário sobre a falta de proveito da posse por D. Mariana Sousa Guerra, condessa de Vimieiro, da capitania contígua (1621-1624); para retomar – e terminar – com uma proposta bem ao estilo de Diogo de Campos Moreno sobre a fortificação da Guanabara, fazendo-se o forte da Laje, aumentando o de Santiago, e posicionando duas culebrinas na ilha de Villegagnon. O copista espanhol viu-se aqui em papos-de-aranha para

¹⁰ Para ele cf. Rosberg Fernandes. *Diogo de Campos Moreno, o Conquistador do Maranhão*, Lisboa:Lisbon International Press, 2020, que defende com sólidos argumentos a supremacia do sargento-mor sobre Jerônimo de Albuquerque.

interpretar o nome do almirante huguenote francês fundador da efêmera França Antártica, transcrevendo por algo tão incompreensível como “Moniderella gagon” (sic!) o nome da ilha atrás do atual Aeroporto Santos Dumont onde a Escola Naval substituiu o antigo Fort Coligny.

A conclusão que se parece poder tirar é que o texto inicial atribuível a Diogo de Campos Moreno – um relatório destinado a ser enviado ao rei Filipe III pouco após 1615 – foi alterado e só entregue a seu sucessor Filipe IV anos depois (talvez 1641), sofrendo ainda as agruras de cópias sucessivas por copistas iletrados, até chegar a nós na versão do códice 2355 da Biblioteca Nacional de España. Quanto a razão por que não seguiu seu esperado destino no momento certo, ele deve-se decerto à conjuntura da vinda a Lisboa de Filipe III em 1619 – anunciada desde 1617 – e à morte, não sabemos em que circunstâncias, de Campos Moreno c.1620, com 50 e tantos anos de idade¹¹, decerto na sua Santiago do Cacém (ou em viagem a Lisboa), seguida pela do rei em 1621.

Se tentamos reconstituir o que possa ter sido esse primeiro texto original, vemos que ele combina num só relatório (síntese de sua História que não sabemos se chegou a ser escrita) o tom de narrativa impessoal e objetiva da *Jornada* maranhense com a minúcia informativa tão detalhista do *Livro de Razão do Estado do Brasil*: motivos fortes para atribuímos sua autoria ao sargento-mor Diogo de Campos Moreno, única pessoa em todo Brasil que nos parece capaz de o escrever.

Ao parágrafo de abertura com a localização geográfica segue-se breve bosquejo histórico com a descoberta e sucessos seguintes, onde a fonte principal parecem ter sido os dois opúsculos de Amerigo Vespucci *Mundus Novus* (1504) e *Lettera al Soderini* (1505), que leu numa de suas várias edições e levou a sério, confundindo os destinatários. Há a notar referências à viagem do “galego” João da Nova e à feitoria “dos Marcos” no *rio de Santa Cruz* (Igarassu), raras na historiografia; e, após aludir à ameaça francesa e viagem de Martim Afonso de Sousa, passa a seu tema predileto: a divisão em capitanias hereditárias.

Aqui retoma a matéria do “Livro de Razão” e dá largas ao entusiasmo pelo crescimento das capitanias de governo régio e sua supremacia sobre as de iniciativa privada, em que é interessante a comparação que estabelece entre a forma urbana do porto do Recife com a figura de um cão e seu paralelo com a cidade de León, que não encontramos noutro lugar. Valioso, também, o informe que nos dá acerca da continuidade entre a cidade fundada pelo enviado do

¹¹ A morte é datada habitualmente de 1617, mas João Capistrano de Abreu só diz que ocorreu no Reino no governo-geral de D. Luís de Sousa (1617-1621): pelo que julgamos mais prudente corrigi-la para cerca de 1620. João Capistrano de Abreu. “Prolegômenos”. In: Frei Vicente do Salvador. *História do Brasil 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965, p. 382.

donatário João de Barros e o estabelecimento do *Fort St-Louis* de La Ravardière, cujo nome “mudamos” para S. Filipe – e sabe-se ter sido Campos Moreno quem recebeu das mãos do francês as chaves do forte e o rebatizou. Merece nota o pensamento geo-estratégico que subjaz a todo seu plano: como diz em carta, “conquistar o Maranhão de nada serve sem a ocupação do Amazonas”.

Prossegue o texto longa digressão sobre as diferenças de “temperamento” (*templamiento*) – o termo ocorre também em Fr. Vicente do Salvador: cap. 4 – nas diversas regiões do Brasil, apesar da unidade de base. Diferenças de clima, tipos de solo, produção agrícola, mas sobretudo no caráter das gentes. O que lhe permite deliciosas observações de fina penetração psicológica, opondo os pernambucanos – soberbos, altivos e pródigos – à preguiça dos baianos, malícia e instabilidade dos cariocas, agilidade financeira e porte dos paulistas: “belíssimos, brancos e louros qual alemães...” (como Campos Moreno bem sabia, por ter combatido várias batalhas contra eles).

O parágrafo sobre as “coisas notáveis” contém intrigante referência a tanques de água doce no cimo de montes, que talvez provenha da descrição mitificada feita por algum explorador que se tenha aventurado a subir às paragens do Pico da Neblina ou Monte Roraima e suas montanhas em forma de mesa (*tepui*), a quase 3 mil metros de altitude, no ponto mais alto do Brasil. E após breve mas suculenta síntese sobre o que se conhecia então da Amazônia – com o apontamento inédito de ter sido feito censo (após fundar Belém, 1616?) da população nativa habitando o Baixo Amazonas e suas margens, no espantoso resultado de 70 línguas e 14 milhões de índios!¹² – e Maranhão, em que elogia a habilidade destes em aprender ofícios como o fabrico de navios (o que lhe permite propor grossas economias nas finanças régias, fazendo-se no Amazonas galeões e baixéis a muito menor custo que “uma barca em Dunkerque”: porto do Canal da Mancha familiar a Campos Moreno), salto no texto leva ao Rio de Janeiro com uma proposta simples mas eficaz de fortificar a Guanabara.

É também evidente a familiaridade do autor com todo tipo de embarcação: “barcas grandes” de Itaparica, os “barcos longos” em que Vasco Fernandes Coutinho saiu de Vitória, e os “peniches”, galicismo que usa para os navios de tráfico costeiro da Bahia; como Diogo de Campos Moreno conhecia de seu *Livro de Razão*, inventário ou livro de balanço do deve-e-haver da Coroa no Brasil.

¹² Segundo Vianna, Campos Moreno casou-se com a açoreana Teresa Joaquina de Teive, de São Miguel, tendo só a filha Águeda da Cunha, casada em 2^{as} núpcias com Pedro Teixeira, o explorador do Amazonas: do qual virá toda a riqueza de informações que fornece sobre a região e sua intimidade com o delta (“un rio que es mar”). Hélio Vianna. *Livro de Dá Razão do Estado do Brasil, 1612, Diogo de Campos Moreno*. Recife: Comissão Organizadora e Executiva das Comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana/ Arquivo Público Estadual, 1955, p. 40.

Referências

- ABREU, João Capistrano de. "Prolegômenos". In: SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil 1500-1627*. 5ª edição. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.
- ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. 4ª edição. Revista, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1954.
- CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Lisboa: Obras completas de Jaime Cortesão. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2009, vol. 11.
- COSTA, Antônio Gilberto (org.). *Roteiro Prático de Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- FERNANDES, Rosberg. *Diogo de Campos Moreno, o Conquistador do Maranhão. As origens do Norte do Brasil (1603-1615)*. Lisboa: Lisbon International Press, 2020.
- GALVÃO, Helio. *História da Fortaleza da Barra do Rio Grande*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/Ministério da Educação e Cultura, 1979.
- MENDES, Lauro Belchior. "Reflexões sobre o Ufanismo na Literatura Brasileira", *Revista literária do corpo discente da UFMG*, 20 (1987-1988), pp. 95-105.
- MORENO, Diogo de Campos. *Jornada do Maranhão, por ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614*. 1ª edição brasileira. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra/Alumar, 1984.
- MORENO, Diogo de Campos. *Livro de dá Razão do Estado do Brasil*. Edição crítica com introdução de Helio Viana. Recife: Imprensa Oficial, 1955 (impressa em 1959).
- REIS, Fábio Paiva. "O imaginário metalista luso-brasileiro colonial: a Serra das Esmeraldas na 2ª metade do séc. XVII", *Cordis. Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, 3-4 (2009-2010).
- RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil. Iª Parte, Historiografia colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Ministério da Educação e Cultura, 1979 ("Brasileira", v. 29).
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *Do Brasil filipino ao Brasil de 1640*. São Paulo: 'Brasileira', v. 336, Companhia Editora Nacional, 1968.
- SETÚBAL, Paulo. *O sonho das esmeraldas*. 5ª ed., São Paulo: Saraiva, 1956
- VIANNA, Hélio. *Livro de Dá Razão do Estado do Brasil, 1612, Diogo de Campos Moreno*. Recife: Comissão Organizadora e Executiva das Comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana/ Arquivo Público Estadual, 1955.

Recebido em: 06 de junho de 2022.

Aprovado em: 11 de agosto de 2022.

[1624 – Antes que se trate de la Entrada de los Olandezes en el Brazil, que fue el año de 1624 quando tomaron la Bahia de todos santos se ha de poner la descripción y principio de aquel Estado que es como se sigue.]

El Brasil es vna Prouincia en la America muy dilatada. Son sus terminos el rio de Viçente Yanes ["y antes": riscado] Pericon [sic] de la parte del Norte en un grado y dos terçios de la Equinoçial, y feneçe en 45 de lado del Sur en la Bahia de San Mathias; de latitud, segun la opinion del padre Gaspar de Semperes de la Compañía de Jesus, tiene en lo mas ancho quinientas y diez leguas; con el concuerda el famoso Cosmografo y Mathematico Juan Bautista Lauaña; Muchos autores como son Cespedes, el Maestro Gil Gonçalez, Pedro Apiano, y el autor de la Fabrica del mundo, que se imprimió en Venecia, se engañaron en darle solas quatroçientas leguas por costa: el que mas se llega a la razon, fue el Doctor Pedro Nuñez Cosmografo mayor del Rey Don Sebastian que le da 1150, teniendo 1380: ["de las quales é passado la mayor parte dos vezes y descripto toda la costa de Rio á Rio y de piedra señalada a otra piedra": riscado], y asi por la cuenta corriendo del Norte à Sur por donde los grados son solo de 17 leguas y media: tiene 832 leguas de largo, que puede tener por el arco, corriendo la costa à diuersos rumbos, ora al Sueste, ora al Noroeste, al Sudoeste, y al Sunordeste.

Esta Prouincia descubrió Pedro Alvares Cabral el año de 1500 passando a la Índia Oriental, porque corriendo vna gran tempestad tomola en popa por el rigor della, cargando al Sur, y en 3 de Mayo arribó a vna tierra en 16 grados a la qual por la festiuidad del dia que celebra la Iglesia, y leuantar vna gran Cruz a la vista de aquellos gentiles, que le reçiuieron así con admiración amigablemente, llamó Porto seguro ["tierra de Santa Cruz": em entrelinha] al que le dió acogida, plantó tres padrones de marmol con las armas de Portugal de los muchos que llebaua en la Armada, y antes de continuar su viaje, embió al Reyno al Capitán Gaspar de Lemos con auiso del nueuo descubrimiento, y el / Rey Don Manuel embió luego allá al Cap. Gonçalo Coello con çinco carauelas, perdió dos, boluió con las tres cargadas de Aues, animales, Algodon, y algun Palo Brasil que la simplicidad de los haitadores de aquella region no trataua de las especies y generos que tiene en abundancia el paíz: Y parece que la qualidad de aquel clima le da guisa la codicia a todos, pues dexando los hombres sus Patrias, surcando mares furiosos, y sujetandose a diferentes constelaciones por adquirir plata y oro, auiendo desto tanta abundancia en aquella terra, no trataron desto, sino de lo que costó mas, y luzió menos. Y sí el Rey Don Manuel dejára la empresa de la India, que desampararon por casí imposible Monarcas mas poderosos, y aplicara la diligencia y cuydado a la poblacion de aquel estado, no cabe en discurso lo que huuiera creçido su imperio, sin derramarse a partes tan remotas de que se aprouecharon los de menor importancia:

Embió allá en el año de 1501 a Americo Vespuçio florentino. que continuó el descubrimiento al Norte 700 millas, segun la relacion que hizo de esse viaje á Otauió Fregoso Duque de Genoua, y boluió allá en el de 1502 descubriendo nuevas estrellas y tierras, y de buelta estandose aparejando para boluer la terçera vez, dize el en otra dedicada al Duque de

la Republica de Venecia que por algunas emulaciones se passó al seruicio del Rey Don Fernando quinto de Castilla [II de Aragón], que le embió a las Indias Occidentales con mayor acregentamiento de honras y mercedes; Tuuo tanta dicha Americo que no auiedo sido descubridor por ninguna de las partes perpetuando su memoria aquella quarta del mundo, y mayor que la Africa y Europa, de su nombre se llama America.

Embió el Rey a ella al Capitan Juan de Noua Gallego, y otros pero no trató de poblar, ni aun el Rey Don Juan el 3º que le sucedió, si bien por orden y expresso mandato suyo se fundó vna fatoria en el Rio de Santa cruz, adonde aora llaman los Marcos.

Los Françeses por algunas notiçias que tenian por la comunicacion del trato en Portugal, y algunos marineros que se metieron con ellos, fueron allá a sus rescates con Nauios de particulares: Se passando a la Índia Martín Alfonso de Sosa / (fol. 52) por Capitan mayor de las naos, y por mal tiempo tomando la Baya, hallando nella françeses, tomó los nauios, y dió auiso al Rey Don Juan de todo, aduertiendo mandasse poblar aquella tierra, reputandola por cosa grande en consideracion de la continuacion de aquel viaje de la India, y porque no se anticipassen las naçiones Estrangeras, y aguardandose su buelta a Portugal se le dió comision para repartir la Prouincia en Capitanias, y lo hizo, passando las donaciones en el año de 1534.

Las Capitanías fueron de açinquenta [sic] leguas pero todas tienen mas, porque a Françisco Pereyra Coutiño se dieron del Morro de San Pablo al Norte 50 leguas que acabarían en el Rio de San Françisco y con 34 entro luego la de Pern[ambu]cº y se dió a Duarte Coello, y auía de acabar en los Marcos, o fatoria de Xtóbal Jacques por el Rio de Santa cruz adentro media legua que son mas de 10, y entrauan 30 luego de las 80 que se dieron a Pedro Lopes de Sossa que venían a fenecer en la Baya de la trayçion: a que se seguía la que se dió a Juan de Barros fator de la casa de la Índia, e famoso Coronista de los Portugueses en otras 10 leguas, y se continuara hasta el Rio de Jaguaribbe, y siendo la que con mayor caudal se mandó poblar, tuuo infeliz sucesso, porque corriendo con tiempo fuerte arribaron al Marañon adonde era la Ysla que los Françeses llamaron de San Luis, y nosotros aora de San Felipe por memoria del Santo Rey el Señor Don Phelipe 3º en cuyo tiempo los echamos fuera de aquel estado.

Bien veo que la donacion dize que dá al dho [dicho] Duarte Coello desde el rio de Santa Cruz para el de San Francº la tierra que huuiere, y de alli del dho Rio de Santa Cruz al Norte a Pedro Lopez de Sossa, partiendose de Leste á Oeste, y que se harian buena compañía, pero yo hago la descripcion desde la Baya que vino a ser cabeça del Estado, y esta declaracion por no parecer que salgo vn punto de la verdad, en lo que por vna y otra parte lo es infalible.

Del Morro de San Pablo al Sur se dieron á Lucas Giraldes Ginoues 50 leguas a titulo de la Capitania de los Isleos en 14 grados; luego la de Porto Seguro a Pedro de Campos Touriño. Entraua la del Río de Espirito santo, que se dio a Vasco fernandez Coutiño, otras 50 / leguas, a que se seguía la de Pedro de Goes, que por falta de caudal no se pobló; llegaua casi al Rio de Janeyro, adonde tomó para sí Martin Alfonso 50 leguas. Seguianse otras 50 en la Capitanía de Santos, ó San Vicente, que cupieron a su hermano Pedro lopez de Sossa y abajo del otras 30 del mismo Martin Alfonso, y ese es el repartimiento que se hizo en aquel año de 1534.

Francisco Pereyra Coutiño en la Baya, que está en 13 grados, pobló adonde aora llaman Villa Vieja y pocos años adelante agrauados los Indios de algunos malos tratamientos de los soldados, se le rebelaron, y le hicieron guerra a lo largo, y por no auer seguido el parecer de Diego Aluarez Caramuru (aquel que casó con vna India a quien despues el Rey Don Juan, y Don Sebastian an mandado a los Gouernadores que le entregasen las llaues de la Ciudad, y de su mano las reñuiera) fue constreñido a passarse a la Capitanía del Spiritu Santo do [sic] donde estaua Vasco fernandez Coutiño, y allí consumió 4 o 5 años, pero faltandoles a los Indios herramientas les fueron a buscar, y por lo obrigar presentaronle mucha cantidad de ambas, y embarcandose en vnos barcos luengos, naufragó en la entrada de la Baya, adonde llaman la punta de San Antonio, la gente que salió a tierra matauan los Indios Tupiniquins, y á Francº Pereyra le mató vno que auía sido su ahijado, y le conoçió.

Los otros fueron poblando sus Capitanías, vnos en para [sic, por paz], otros con algunos reencuentros con los gentiles. Pedro Lopez de Sossa, despues de la población que hizo en San Vicente, passó a la de Itamaraca, y en la Isla que dá nombre a la Capitanía fundó la villa de la Concepción, boluió a Portugal, passó a la India, y murió de buelta, quedó su heredera vna hija llamada Doña Geronima.

Duarte Coello pobló primero la villa de San Cosme y Damián, haciendo su asiento en los Marcos a la orilla del rio de Santa cruz vna legua por el arriba, desde la barra y media de la villa de la Concepción. Despues con buen consejo pareciendole que quedaba cautibo y que los nauios tomarían primero el otro puerto, se passó a la villa de Olinda, nombre deriuado de lo / (fol. 53) que dixo vn soldado, que subiendo a un arbol por descubrir la tierra, viendo un monte y otros balles [valles] amenos, dixo, Ò Linda tierra, y en anunçio de buen aguero, quiso Duarte Coello que se llamasse la villa, que fue cabeça de la siempre memorable Capitanía de Pernambuco, Ó Linda de la Nueva Lusitania: Ese nombre Pernambuco se compone de dos verbos en la lengua Brasilica que quiere dezír mar horadado, y nos corrompiendola le llamamos Pernombuco, y otros Pernambuco, no auiendo en la dicha lengua la letra F, ni R doblada ni L. Siruiosse muchos años de la Barra que llamaron de San Antonio por una hermita que allí se hizo, adonde despues se erijió el Conuento del Carmen; corriendo el tiempo se alló la del Reçiffe que era mejor, y sí allá se passara la villa, nunca fuera possible ocuparla ningun enemigo por la disposiçion del sitio en cuya comparacion se entende la figura de vn perro a la de Leon.

La causa porque se pobló mas, y de gente mas noble la Capitanía de Pernambuco proçedió de dos puntos essenciales; el primero porque Duarte Coello lleuó allá su muger, y pareció a todos que hazía mayor empeño que los mas Capitanes, y assí acudió mas gente: el 2º que à vna legua de la villa esta la Varzea que llaman de Capabarribbe en que luego se hicieron ingenios de Azucar que al amparo de Olinda quedauan defendidos de las inuaciones de los Indios, y assí los mercaderes acudieron luego a ella engrossando el trafico, y siendo tierra tan fertil la del Brasil, se enriqueció de suerte en pocos años que concurrieron muchos hombres de gran calidad à casarse, porque la Yndia Oriental hizo pocas casas ricas, el Brasil muchas, y sí los moradores del obseruaran la mediocridad, hizieran en España riquísimos mayorazgos.

Martín Alfonso de Sossa que repartió el estado, escojió para sí lo peor, pobló junto a la Capitanía de su hermano la Concepción en 11 grados,

y el Rio de Janeyro, y boluiosse a Portugal, lo mismo hizo a Porto seguro Pedro de Ocampo [sic] Touriño, y no pudiendo sustentarle vendió al Duque de Aueyro, y como no empeñó caudal no fue en aumento. Lucas Giraldes pobló con gran caudal los Isleos, despues passó a la casa de Castro la posession de ella, y como los Indios Aymorés bajaron de las sierras se desampararon muchos ingenios que no boluieron a reformarse, respecto de concurrir todos / los traficos a la Baya, y llaman así los Penichos. Vasco fernandez Coutiño pobló la Villa de Nuestra Señora de Vitoria en el Espirito Santo en 20 grados, la tierra es en sí esteril para los Cañauerales y tiene pocos ingenios, y muchos minerales que no se aprouechar. Pedro de Goes no tuuo caudal para poblar la Capitanía que le fue dada, quedó la tierra como estaua de antes, aora ay en ella algunos ganados. Los que entraron con Juan de Barros, discurriendo al Marañon, y siendo la nauegacion en aquel tiempo menos entendida, vnos se consumieron, y otros passaron a Indias Occidentales, y no quedó de su fundación mas memoria que en la Isla de San Luís algunos vestigios de vna Fortaleza que empeçaron los fundadores, cuyos cantones y esquinas, eran de piedra de Alcantara, y sobre estos erigió Monsiur de la Reberdiere la que hallamos el año de 1615.

Esse fue el principio que tuuo el Estado del Brasil cosa tan grande que mal se podrá describir, lo que comprehende, en papel tan breue, la fertilidad de la tierra, la salubridad del ayre, su templemento, la multiplicacion de ganados de toda suerte, la abundancia de Azucares, Aues, er[u]as, pescados de la mar, la producion de los frutos, tanto los del Pays, como los de España, que echados en la tierra sin mas beneficio (que se aplica allí poco cuydado a la cultura) dá y produçe todo el año, y lo ordinario son dos vezes, no es cosa creyble pero faltale agricultores. No son las Prouinçias de los Payses Bajos mas fertiles pero la multitud de los artífices les tiene dado en el mundo la reputacion de riquíssimas de que gozan, sí bien solo por el trafico alcançan lo de que careçen por el clima, y aun atajó el aumento con que creçia la resolucion con que los Religiosos de la Compañía de Jesus por señorearse de los Indios, apartaron totalmente la comunicacion, trato y amor con que corrian con los Portugueses no les dexando aun concurrir con ellos en el seruicio de V. Mag.e en las ocurrencias precissas del Estado. Su intencion sería buena, del effecto que conseguieron (por autoridad de sus letras, y religion, juntas al poder que alcançan con la educacion de la juuentud de la nobleza de aquel Reyno, sin hazer escrupulo por atropellar el derecho de las partes, aprouecharse de calumnias, y aun perceguiciones a las partes, que no / (fol. 54) los atreuieron a imponer personas que no fuessen de tanto respecto) resultaron inmensos daños, y la perdida de las Capitanías del Norte, ruína que no podrá reparar largos discursos de años. El trigo se dá en todo el Estado, pero solo en los límites de San Pablo se aprobechan del, y aun de dos veces al año; Los melocotones y membrillos se auentajan a los de España: a los pinales en cantidad y grandeza no igualan los de Europa, aunque se juntassen las maderas en cantidad, differencia, color, y olor, y tintas: tienen exçelencia las yeruas prouechosíssimas a las enfermedades, los contravenenos salutíferos. Tiene de los metales oro, plata, cobre, tuturaga [sic], calaín, y hierro: de las piedras esmeraldas, safiros, amatistas, topaçios, y cristal sierras enteras de quarenta leguas; hallanse rubíes de estraña grandeza, y preçio, mas finos que los de Çeylon, y de mejor color que los de Pegú; ay breo, salitre, y dá lino: aunque esto es sauido es mas por açidente que procurado por diligencia. La plata no se a permitido trata

della en tiempo del Señor Rey Don Phelipe 3º, que esta en el cielo, ni en el de V. Mag.e. No sé si a proçedido de la consideracion de que çessaria luego la de las Indias Occidentales por estar las minas de muy çerca de las marinas, ser mas finas, y a menos costa se poder sacar y conduçir a los puertos, o porque los Gouernadores de aquel Estado por no querer declarar los los [sic] que las sabian, impidieron el despº a sus pretençiones, como acaeciº a Gerónimo de Albuquerque, Belchior Dias Caramuru, Juan Gomez Sardiña, y a mí, que en esto é puesto mas cuydado, hecho mas gasto, y aueriguado mas que los otros, que no pusieron tanta aplicaciºn, ni tuuieron los ingredientes neçessarios. [“A mí siempre me pareçía que lo que conuenía a V. Mag.e era tener muchas plaças para sustentar sus armas, y mas en parte adonde auía tantas comodidades como en aquel Estado, puertos fortísimos con qualquiera arte que se juntassen a la disposiciºn de los sitios, breue conduçión en España, materiales para fabricar Armadas, fundir Artillería en mas abundancia y a menos costa de la que tiene ningun Monarca del Mundo; y assi nunca tenían lugar las objeçiones que se pusieron, sí nó fue encaminar las cosas al estado que vemos”: riscado]. Solo las minas de San Pablo se pretendió continuar por la fineza de aquel oro, para eso se embió alla al Marquez / Don Francº de Sossa, pero viendole Caballero muy absterio [sic], haciendo juiçio los naturales de que abriendose las minas sería preçiso hauer fortaleças, y presidios con que se les atajaba la liuertad en que vivían, por conçejo de Religiosos le ocultaron todo, y porque el minero viendo la sierra de que las inundaciones de las riberas que descuelgan dellas, sacan los granos que se cojen en baxo, dixo que haría ensayo, de que sacaría tan gran pedaço de oro como el cauallito en que estaba aquella misma noche le mataron, y a pocos días murió el Marquez de los disgustos que tuuo con los Religiosos de la Compañía, y con su muerte çessó todo, y no se trató mas desto por las competencias de los Padres. [“aunque siempre sacan oro, hasta que tentada la paciencia, los echaron del pueblo, y auisado preuenido [sic] Procuradores, para embiar a V. Mag.e a suplicarla solo Justiçia offregiendo vn gran seruiçio subçedió la Rebeliºn de Portugal; dieron obediencia al Duque de Bergança, obligandose a dar plata y oro que bastasse a los gastos del mayor exercito; Imclinó el Tyrano a los Padres por simulaciºn de quienes seruía a V. Mag.e. Luego mandaron recojer a los Procuradores con declaraciºn de que seguirían la parte que les hiçiesse Justiçia, y aunque los Religiosos pretendieron boluer a los Colegios con espresso mandamiento del Duque no los quisieron admitir.”: acresentado e riscado] Las Esmeraldas, quando fue Marcos de Azeuedo a ellas, como era poco platico en la materia, sin cauar mas que vna bara se contento de venir cargado de lo que halló en la superficie de la tierra, de las que se escogieron solo hallaron 150 ducados, concluyeron los lapidarios en Madrid, que supuesto que el calor del Sol penetraua tanto por allá deuía cauar dos estados [sic], y este Regimiento se le dió en embiandole el Señor Rey Don Phelipe el año de 1613 con muchas merçedes y ayudas de costa, murió sin obrar en la misiºn, ní auer quién lo continuasse, temiendo a los Indios Guaramimis [sic], que lo baxaron a echar de aquella parte a los Parananobuis. Y (“reduçiendo ya a estos a paz y obediencia, y suplicando liçençia para ir a continuar este descubrimiento”: riscado) reducidos estos en tiempo del Virey nuestro señor fué V. Mag.e seruido encargar al Gouernador Pedro de Silua el mandarla hazer, cometiolo al Padre Ignaciº de Siqueyra la hiçiesse / (fol. 55) por cuenta de ambos, y del Prouedor mayor que seruía en aquel tiempo en el Estado, y se les dió vna gran suma de

dinero que no emplearon en las cosas neçessarias, a quien a de tratar con aquellos gentiles: hizereles auíso que no les dejaron passar la ribera al Norte, y assí lo hizieron y se boluieron. [“ El año de 640 passado confirmar con ellos la paz y aliança con el estylo y çircunstançias a su naturaleça”: riscado] Esta tierra que es de 19 grados a 22 ensierra mas riquezas que toda la America, y sín la euidençia de lo que auemos cogido, y del objeto de las sierras, tiene la profecía de aquello Santo Varon Joseph de Anchieta.

Pero no se a de entender, boluiendo al hilo desta relación, que todo el Estado del Brasil partiça de vn mismo templamto, como muchos herradamente platican. Pernambuco y las Capitanías del Norte, es tierra llana, llueue seis meses, los otros seis es Verano; La Baya, sí no llueue todos los meses, se pierden los frutos; allá las cañas de Azucar acuden todos los años; en La Baya lo mas breue son dos y medio, y repartió Dios todas las cosas de suerte, que por no ser possible tener seruício por tierra respecto de los lodazales, y pantanos que causan las lluuias, se le dió todo por agua; al contrario las Capitanías del Norte, no se siente en estas Capitanías frio, o calor demasiado: El Rio de Janeyro en imbierno es frigidissimo, de Verano intolerables los calores:

Hasta las mugeres y los hombres se diferençian; Los de Pernambuco son soberuios y altiuos, agudos, sutilissimos, leales, y verdaderos, liberales hasta tocar el extremo de prodigalidad; Las mugeres trigueñas, graues, y ostentatiuas, muy cuydadas de la autoridad de sus maridos. Los de la Baya son mas reposados, poco çiertos, Las mugeres blancas y mas hermosas, halagueñas, façiles en la conversaçión, no dejan a los maridos disposiçión en cosa alguna. Los del Rio de Janeyro maliciosos, astutos, instables, y fingidos; las mugeres de mas asiento en todo, poco bellas. Los de San Pablo bellísimos, blancos y rubios como Alemanes todos en general, Jueguen los maridos y gasten, pero no les dén çelos, la hacienda ellas la grangean. Assí como del Rio de San Francisco. Se van aumentando los grados, se va augentando [sic, por aumentando] la malícia en los Naturales. Las mugeres de las Capitanías del Norte / mandan los hijos a la guerra, y los sustentan en ella costosamente, y no los admiten en casa, sin carta del superior, y si faltan a sus obligaciones les castigan, teniendo en saberlo gran cuydado; Las del Sur los sacan dellas, y finalmente allá no consienten que se casen moços, y de la Baya adelante todos se casan niños.

Entre muchas cosas notables que tiene esta Prouíncia, como son lagunas, riberas, y tierras que se empinan al çielo, y en cuyas cumbres ay estanques de águas dulçes y claríssimas hechos de la Naturaleza, como sí fueran obrados por trarza [sic] humana a los quales agotando en buen espacio , se bueluen a henchír en termino de dos horas, sin se ver de donde salen las águas, ni auer en muchas leguas eminencia superior: es la innumerable cantidad de Rios caudalosísimos que cortan y riegan aquellas latísimas tierras, a que no se pudo hasta aora hallar el naçimiento, impetuosiísimo es el río de San Francisco, y lleba mas agua en Verano que de imbierno entrando en el otros muchos, es opinion que deue bajar de parte no conocida adonde aya muchas nieues. Es admirable el gran Pará a que parte la equinoçial por medio, la entrada que haze en la mar con 103 leguas de ancho, y hazia [sic] la parte del Norte el cabo que llaman deste nombre, adonde los Ingleses cultiban cochinilla, y otros frutos. Sus aguas entran en la mar dulce sesenta leguas: es tradiçión apochrifa dezir algunos que su barra es baja, haziendo mayor juicio del encuentro dellas que del peso de tanta: que es furça abriessse camino franco. Vn Rio que es mar, Lo

cierto es que tiene sesenta braças de fondo a la parte del medio al Sur, en la otra tiene canales por entre baxios, puedese nauegar por el arriba 450 leguas en nauios mayores, ó sea por el braço que buelue al Sudueste, o por el que vá al Noroeste, y llaman de las Amazonas de la opinion concebida por Françisco de Orellana bajando por el en el bergantin de Gonçalo Piçarro, y viendo los Indios aluos, y con cabello largo, y trençado, y con arcos y flechas concurrir a la marina entendió ser mugeres. [“El que llaman de las Amazonas: es mas impetuoso”: riscado] Estos Ríos que son diferentes se juntan a 150 leguas de la barra, ay por ellos infinitas Yslas muy grandes, y algunas de 10 leguas de largo, / (fol. 56) y 25 de ancho: El que llaman de las Amazonas, es mas impetuoso, ambos se pueden nauegar otras 500 leguas con Nauios de doçientas toneladas acabadas las 450. Esta tierra toda es llana y frutífera, cubierta de notables arboledas de exçelentes maderas para fabricar nauios, es innumerable la cantidad de gentiles que viuen a la margen de aquellos, y otros muchos Ríos, y de los que auemos visto, y tratado domesticamente, sin hablar de los que viuen la tierra adentro por computaçion, que se á hecho, hallamos ser mas de catorze millones de personas, y exçeder de setenta lenguas diferentes, y siendo auiles en todas artes a que los quieran aplicar de ningun seruício son á V. Magd.e porque no lo permiten los Padres de la Compañía, que yá alla han introducido la misma política que en todo el Estado, y no pudiendo acudir a la doctrina de toda aquella gentilidad han procurado la juridicçion temporal, como tienen la espiritual, para que no puedan aprouecharse dellos los moradores (en cuyas casas son Christianos mas constantes, en la fee que en sus residencias como se á experimentado en el año de 635.) Sino comprando a los Religiosos el seruício de los Indios; Pudiéranse en aquel Río hazer los Galeones y bajeles neçessarios al seruício de la Monarquía á menor costa cada vaso, que vna barca en Danquerque, y tener para esto vn arsenal que ningun Príncipe en el mundo lo tuuiesse igual, no neçessitando en los prinçípios mas que de anclas, y xarçías gruessas, porque ay hierro y brea mejor que la da Europa, Sí se planta lino lo dá excelente, y para lo hilar sin costa tanto numero de mugeres, como de hombres para el trabajo, no es menester barcas, ó canos para la la conduçion de las maderas, sino cortarlas y embalsarlas por el Río, y llebarlas adonde estuuire la fabrica. Los Indios son auiles a lo que se les enseña y en pocos días saben tan perfectamente lo que les enseñan como sus propios maestros, dellos se podría formar milícia no solo para defensa de las fabricas y del País mas aun para seruirse V. Mag.e dellos en las guerras de Europa, pues la experiència á enseñado, assi en nuestro Exerçito adonde seruían pocos, como en el del Enemigo, ser buenos arcabuzeros, y aunque no se acomodan bien a pelear en esquadrones, siendo en las escaramuças de mangas sueltas incansables, el tiempo los enseñaría, y podrían ser marineros tan buenos, como [“los é”: riscado] se ha uisto ser muchos, assi en / la nauegacion de la costa, como del Brasil o Portugal.

El Marañon está en dos grados de la Línea al Sur tiene 20 leguas de boca es baxa la Barra, pero tiene canales de bastante fondo, juntanse muchos rios, pero son solos çinco muy grandes, y hazen la Isla que llaman de San Luís en que los françeses tenían la fuerça de San Luís, a que mudamos el nombre en el año de 1615, quando se echó de ella a Monsiur de Rauardiere, y le llamamos San Phelipe, y aquí fué la poblacion que empeçaron los hijos de Juan de Barros, y no continuaron por no ser en aquel tiempo la nauegacion para alla tan bien entendida, y les faltó

socorros. Destos Ríos es famoso Tapucvru por entrar por el la marea 150 leguas: ay en el vna mina de plata fina y de mucho rendimiento, y topasios finos a 30 leguas de la barra del Marañon, y tiene sitio para fortificación inexpugnable porque es allí estrecho, y de la otra parte tiene vna peña inaçessible, como lo es por grande distancia toda la mas tierra que viene á díffinir á aquella parte. La tierra del Marañon no es tan fertil como la del Pará, y puedense comunicar de vna Capitanía a otra por los Ríos sin bajar a la costa. [“No hablo de todas las cosas, y Capitanías en particular, porque en mí historia general lo haré, cuya abreuatura es este papel”: riscado].

La Baya es otro Puerto famoso, y que contiene de la Barra adentro espacios de agua de 18 leguas con muchas Islas por ellos de mucha fertilidad, y en que ay ingenios de Azucar y lo mas en la circunferençia allá adentro las aguas, cortando la tierra en diuersos braços; aquí se pueden hazer baxeles grandes pero mayores y mejores, y a poca costa en la Isla grande que es en 24 grados [sic, por 14: salto no texto], y Capitanía que fue de Martín Alfonso de Sosa, y la posée oy la Condesa de Vimieyro sin aprovecharla, y es parte de la del Rio de Janeyro: esto es abajo de la Ciudad de San Sebastián cuyo puerto que esta en 23 grados, y se toma con tiempo hecho, es el mejor de toda la costa, por ser de mucho fondo, y abrigado, fuerte por naturaleza, si bien en la forma en que está por no la saber fortificar está flaca con se auer gastado en ella innumerable suma de Dineros a esse effecto: tiene mucha Artillería buena y toda mal dispuesta, pero con hazer vn fuerte donde llaman la Lagen con 50 artilleros, y alargar mas el de Santiago, y dos culebrinas en la Isla de Villegagnon, se escusan tantos fuertes infructiferamente ordenados, y haze la defensa a que no bastarían diez mil Infantes.